

# REAJUSTAMENTO DO INVÁLIDO

QUE os leitores de *Vítimas da Guerra* me perdoem o barbarismo, aliás mais aparente do que real, do título deste artigo.

Não se trata, nas linhas que se seguem, do problema ultimamente na ordem do dia e que dizia respeito ao reajustamento das pensões de invalidez; trata-se mais simples, e mais oportunamente também, de repôr o inválido de guerra no lugar que lhe compete na sociedade, o que é, também, um reajustamento. . . Se há um vocábulo de que, durante e depois das hostilidades se usou em relação àqueles que estavam na guerra ou dela vinham estropeados, foi, sem dúvida, o de *herói*; as paredes de tôdas as nossas praças e salas públicas, à força de a terem recolhido, repercutem essa palavra no silêncio da noite.

Desde há algum tempo, contudo, que esse éco enfraquece. A guerra não recompensou nem aqueles que a quiseram, nem os que a ganharam; e como os inválidos são quasi os únicos que retiram um aparente e illusório proveito, (módica *reparação* dum prejuízo), acabou, sob a acção dissolvente do tempo, por se esquecer o que elles fizeram, por desprezar o que elles suportam, para só se considerar o que os beneficia e dizer: — «isto é que é sorte, a dos inválidos!» Breve, no murmúrio das conversações, pôde distinguir-se, a propósito destes «*pensionistas da guerra*», certa denominação que, ligando-se ao vocabulário das casernas e . . . das hortas, não peca por excesso de elegância e que traduziremos apòximativamente reproduzindo da maneira seguinte, uma reflexão corrente: — «Que data de farsistas, entre os inválidos!» Chegou-se, pois, a um tal estado, que se desacredita em 1930 o que se enaltecía em 1918?

Nestas condições parece-me ter chegado o momento, e agradeço a *Vítimas da Guerra* o ter-me proporcionado a occasião de declarar que, segundo a fórmula clássica, os inválidos de guerra não merecem «*nem essa glória excessiva, nem essa indignidade*».

Heróis! . . . A maior parte deles foram-no, como os seus camaradas de regimento, nem mais, nem menos! O ferimento não é um critério de valentia excepcional. Atesta simplesmente os perigos corridos por todos os que fizeram o seu dever. Se as circunstâncias em que este devia cumprir-se reclamavam heroísmo, tam heróis foram os que saíram indemnes, como os que vieram mutilados!

Heróis, portanto, nem mais nem menos do que os seus irmãos d'armas! E . . . farsistas? Dir-me hão — parece-me ouvi-lo — pelo que respeita aos «mutilados», nunca tal palavra foi pronunciada.

É factó, e o contrário seria demasiado odioso!

Quantas e quantas feridas, quantas chagas ainda actualmente supurantes, quantas cicatrizes dolorosas se escondem totalmente sob a indumentária? Quantas e quantas tuberculosas e outras afecções, malignas e enga-

nadoras, trazidas incontestavelmente das lamas do Yser ou das prisões alemãs e de que não se pôde, contudo, exigir que a existência seja atestada sobre o peito do inválido por um letrado!

Não, mil vezes não: não há entre os inválidos tantos «farsistas» como dizem. . . Existem, sem dúvida, aqui e acolá, alguns mobilizados que, pelo que respeita à origem do mal *devidamente constatado*, beneficiam da dúvida. Mas estes poucos casos de que tanto se rouqueja e que se passam — salvo seja — de bôca em bôca, não podem, sem flagrante injustiça e sem ingratidão, servir para lançar o descrédito sobre uma colectividade constituída por incontestáveis bravos. . .

Porque, bravos, foram-no, porisso que cumpriram o seu pesado dever! E bravos continuam a sê-lo ainda, porque suportam, (e realmente sem se queixarem demasiado!), os males que trouxeram da guerra.

Pense-se bem no que deve ser o tormento de um homem, que — tendo partido novo e cheio de esperança na vida e de confiança nos seus recursos para a orientar, — por ter feito a guerra em condições impossíveis, se arrasta presentemente, minado pela doença, envelhecido, acabado prematuramente, de privação em privação, sobre os caminhos duma existência para sempre monótona e despida de atractivos.

Evoque-se a sorte do ferido, do mutilado a quem lancinantes nevômas lembram com desespero, como o quadrante da lenda, que tem de se resignar a sofrer «SEMPRE», sem conhecer o descanso «NUNCA» . . .

«SEMPRE» . . . «NUNCA» . . . «NUNCA MAIS» . . .

Que se pense no éco doloroso que devem acordar na alma dos cegos e dos paralíticos estas palavras que lembrando-lhes um passado de claridade e de mobilidade, lhes recusam para sempre a luz e até a simples alegria de tomarem um pouco de sol. Não terão essas criaturas direito, não a uma admiração de encomenda, mas ao respeito da população pela qual se sacrificaram, sofrem e continuarão a sofrer?

O Estado dá-lhes, na medida dos seus meios, — e o esforço é louvável, — uma reparação estabelecida proporcionalmente às suas enfermidades. Que a população responda aos apêlos que lhe endereçam os organismos a quem incumbe assistir àqueles inválidos sobre quem o infortúnio abateu e a quem as pensões não chegam.

Mas que, principalmente, colocando o inválido de guerra no seu verdadeiro plano, o público tenha por aquele que traz na lapela a insígnia característica, o respeito e mesmo amabilidades que são bem devidas àqueles que, entre os antigos combatentes — já disso tão merecedores, — formam a legião dolorosa que continua a pagar o preço da Liberdade.

Trad. do cap. F. de Almeida Pinheiro.

A. REISDORFF.